

# ANÁLISE DE UMA NARRATIVA TRADICIONAL ORAL DO POVO PARKATÊJÊ: *PYT ME KAXÊR*

MARÍLIA FERREIRA<sup>1</sup>  
UFPA

---

**RESUMO:** *Este artigo estuda aspectos de uma narrativa oral mítica tradicional da língua Parkatêjê, o texto Pyt me Kaxêr, ou o texto do Sol e da Lua, que trata de questões centrais da cultura do povo de mesma denominação. O povo Parkatêjê vive no sudeste do estado do Pará e fala uma língua timbira pertencente ao agrupamento linguístico Macro-Jê. Suas narrativas têm como função principal a acumulação, o armazenamento e a transmissão de conhecimentos. Por meio delas, o discurso é expresso linguisticamente. Desse modo, o presente trabalho, com fundamentação na metodologia da linguística descritiva, na linguística textual e em estudos de textos orais, visa abordar questões sobre a estrutura formal e discursiva da narrativa selecionada.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Parkatêjê; textos orais; narrativa mítica; cultura.*

**ABSTRACT:** *This article studies aspects of an oral mythical traditional narrative from Parkatêjê language, the text Pyt me Kaxer, or the text of the Sun and Moon, which presents core questions from the Parkatêjê culture. The study of texts allows the understanding of linguistic and discursive aspects. In this case, we observed mainly discursive aspects which put together language, culture, and society. The narratives from the Parkatêjê people have the main function of storage, accumulation, and transmission of knowledge. Through these texts, discourse is linguistically expressed. So, this paper, based on the methodology of descriptive linguistics, textual linguistics, and studies of oral texts, aims at approaching issues on the formal and discursive structure of narratives collected by me, in different field trips, with attention to the subject matter of the selected narrative.*

**KEYWORDS:** *parkatêjê; oral texts; mythical narrative; culture.*

---

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Letras (FALE), vinculada ao Instituto de Letras e Comunicação (ILC). Doutora em Linguística pela UNICAMP. Desenvolve pesquisas na linha de pesquisa Descrição e documentação de línguas indígenas da Amazônia, no curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Agradecimentos ao *Ambassador's Funds for Cultural Preservation* pelo apoio financeiro ao Projeto *Keeping the Talking Forests Alive: Documenting the Amazonian Oral Traditions*, financiado pela Embaixada dos Estados Unidos, sob o *Award number S-BR250-08-GR083/(AFCPID 8159)*. E-mail: [marilia@ufpa.br](mailto:marilia@ufpa.br).

## Introdução

Narrativas orais tradicionais constituem uma parte muito significativa da tradição cultural dos povos indígenas brasileiros e os Parkatêjê, cuja língua tem a mesma denominação, estão incluídos nessa asserção. As histórias míticas, culturais, autobiográficas e cotidianas desse povo ainda hoje são repassadas de geração a geração, de pais para filhos oralmente, apesar de sua situação sociolinguística.

Os indivíduos mais velhos são sábios que detêm maior conhecimento, porque conhecem profundamente a cultura da qual fazem parte, vivenciaram experiências bem distintas daquelas que as gerações mais jovens e têm a língua nativa como materna. Desse modo, quando um velho desaparece, seus contemporâneos têm a convicção de que com ele vai uma parte significativa de sua história e de sua cultura.

O contexto mais familiar para a transmissão das histórias ou narrativas tradicionais, nas últimas décadas, tem perdido cada vez mais seu espaço para programas televisivos e filmes em *dvd*, uma vez que essas atividades disputam o 'horário nobre' na comunidade indígena Parkatêjê. Os homens da comunidade costumavam reunir-se no início da noite no pátio da aldeia circular para conversar sobre diversos e diferentes assuntos da vida em comunidade. Esse era o momento da interação em língua indígena.

As funções básicas a que servem as narrativas em uma cultura são acumulação, armazenamento e transmissão de conhecimentos. A própria realidade construída e percebida em nossas experiências é repassada a outros por meio de nossas narrativas.

A narração de histórias constitui-se uma atividade com forte carga de sociabilidade, uma vez que experiências individuais são compartilhadas e tornadas públicas para com um grupo. O contar ou narrar histórias não é uma atividade monológica; é sim uma atividade dialógica. Apesar de uma narrativa ser sempre construída e proferida por alguém, nesse jogo linguístico há os ouvintes, sem os quais também não há narrativa, conforme Barthes (apud HANKE, 2003).

Para Labov e Waletzky (1967) a definição de uma narrativa perpassa pela definição de um método utilizado para recapitular

experiências passadas, por meio do qual se estabelece uma relação entre uma série de sentenças e uma série de acontecimentos.

A configuração básica dos textos orais da língua Parkatêjê caracteriza-se por uma estrutura básica composta de um início, um meio e um fim. A esse respeito Chafe (1990, p. 94) afirma que uma narrativa precisa de uma introdução, de um momento (quando se passa?), de um local (onde se passa?), de personagens atuantes (quem?) e de uma situação de fundo sobre a qual o conteúdo se desenvolve.

Neste trabalho, apresentarei algumas questões relacionadas aos estudos do discurso e aos dos usos da língua, apoiando esse conhecimento sobre a tríade língua, sociedade e cultura. Além disso, abordarei os mecanismos estilísticos que caracterizam uma narrativa oral em Parkatêjê, nesse caso especificamente, a narrativa tradicional *Pyt me Kaxêr* ou “O Sol e a Lua”, observando o uso particular de um conjunto de marcadores de tempo, aspecto e modo que ocorre em tais narrativas. Vale dizer que uma narrativa é constituída por uma série de ações ou acontecimentos (reais ou ficcionais) situados no passado. Descreverei aspectos dos diálogos em que as posposições distinguem os turnos de fala de cada personagem; o conjunto de partículas evidenciais utilizadas para codificar as diferentes experiências cognitivas que constituem o conhecimento expresso em um dado conteúdo proposicional, e a utilização de ideofones, que constituem o que tenho chamado de “sonoplastia da narrativa”. Além disso, de uma perspectiva da estruturação da sintaxe narrativa, essas histórias se caracterizam por apresentar uma fórmula introdutória e uma estrutura temática organizada. Os começos das narrativas míticas, por exemplo, quase sempre são complexos para uma análise morfossintática. Essas ditas fórmulas lembram o ‘Era uma vez...’ de muitas narrativas ocidentais.

Os dados analisados neste trabalho são oriundos de minhas viagens de campo, iniciadas em janeiro do ano de 2000 e que têm ocorrido pelo menos uma vez por ano desde então. A narrativa *Pyt me Kaxêr* é bastante conhecida pela geração mais madura da comunidade indígena Parkatêjê. Todos eles já ouviram essa história inúmeras vezes.

A orientação metodológica seguida por este trabalho é a da Linguística Textual e da Teoria do Texto e abrange o estudo tanto de

textos escritos quanto de textos orais. Ademais, vale dizer que as concepções de texto e de discurso aqui utilizadas, apontam

que o termo texto pode ser tomado em duas acepções: texto em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano [...], isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal temos o discurso, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação (FÁVERO e KOCH, 1983, p. 25).

Deste modo, para Fávero e Koch, “o discurso é manifestado linguisticamente por meio de textos (em sentido *estrito*)” (1983, p. 25).

Finalmente, Sherzer e Urban (1986, p. 3) afirmam que a investigação do discurso nas terras baixas da América do Sul envolvem questões relacionadas a oportunidade e a urgência. A oportunidade está no fato de que as línguas faladas nesse lugar do mundo oferecem um laboratório para estudos de amplas variedades de formas orais do discurso que ocorrem naturalmente nos contextos tradicionais. E a urgência porque essas muitas variadas formas de discurso estão sujeitas a mudanças radicais e ao desaparecimento.

Na seção seguinte, abordarei algumas questões importantes quanto ao povo parkatêjê, a situação sociolinguística de sua comunidade e os textos orais nesse contexto.

### **O povo parkatêjê: sua situação sociolinguística e seus textos orais**

A língua Parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se denomina do mesmo modo e que está localizada no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins. Essa língua é considerada parte do Complexo Dialectal Timbira, de acordo com Rodrigues (1999); membro da família Jê, do agrupamento Macro-Jê, que partilha características tipológicas semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, entre as quais características de cunho (i)

fonético-fonológico em que as vogais centrais são numerosas; (ii) morfológico - a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; (iii) sintático - a ordem constituinte SOV em orações declarativas.

Até o ano de 2000, partilhavam a mesma aldeia dois grupos de remanescentes de povos timbira que viveram na região do sudeste do estado do Pará. Todavia o povo composto de dois grupos que habitava a Terra Indígena Mãe Maria se dividiu, permanecendo ali somente aqueles que se denominam Parkatêjê. Há cinco quilômetros de distância está localizada a “aldeia do 25” - como eles próprios costumam falar. Ali estão aqueles que agora se denominam Kyjkatêjê. Embora esses povos façam questão de apresentar-se inclusive e principalmente da perspectiva linguística como distintos, posso afirmar que as línguas apresentam muita semelhança estrutural, podendo ser consideradas, à primeira vista, dialetos de uma mesma língua. Todavia é necessário realizar a descrição linguística do Kyjkatêjê a fim de observar o quanto semelhante é uma língua da outra de fato.

Como resultado de uma situação de contato linguístico intensivo devida a inúmeros fatores de ordem política e social, a língua Parkatêjê encontra-se em perigo de extinção, uma vez que atualmente é falada apenas por um pequeno segmento de sua comunidade, não sendo aprendida mais como primeira língua das crianças, que somente falam o português. Diante dessa realidade, observa-se que a “contação” de histórias tem-se tornado um evento que somente ocorre entre falantes da primeira geração, ou seja, falantes cuja faixa etária varia entre 50 anos em diante, os quais partilham o conhecimento da língua indígena, muito embora os não-falantes<sup>2</sup> também escutem as narrativas.

O acervo de narrativas orais do povo Parkatêjê de que disponho está constituído por (i) textos míticos tradicionais que abordam questões centrais à cultura desse povo, como um tipo de cosmogonia, tais como a criação do mundo. Este é o caso da narrativa analisada neste trabalho; (ii) fábulas; (iii) relatos do cotidiano; (iv) relatos

---

<sup>2</sup> Há muitos não-falantes que entendem a língua razoavelmente, segundo seus depoimentos. Ferreira (2005) realizou pesquisa sobre a compreensão lingüística dos indígenas quanto à língua nativa. Ela dividiu a comunidade por gerações com base na faixa etária. Os não-falantes estão na faixa etária de 0 a 45 anos de idade.

autobiográficos e (v) canções tradicionais. Nesses textos pode haver discursos rituais, cerimoniais, políticos, mágico, entre outros.

É necessário dizer que, embora a língua esteja vivendo um momento delicado considerando-se a situação de atrito linguístico, a comunidade tem-se mostrado preocupada com a preservação de sua cultura e de sua língua. Desse modo, há um esforço deles no sentido de registrar o máximo possível a língua em suas situações de uso. Com o propósito de auxiliá-los, estou desenvolvendo um projeto acerca da documentação de narrativas orais tradicionais desde 2008, o qual é financiado pelo *Ambassador's Fund for Cultural Preservation*, da Embaixada dos Estados Unidos. O diferencial do trabalho que vimos desenvolvendo é o fato de todas as narrativas estarem sendo gravadas em áudio e vídeo como uma tentativa de documentar os aspectos globais envolvidos na narração de histórias tradicionais. Esse material após ser coletado, é transcrito em língua indígena e em língua portuguesa. Posteriormente será editado e deverá retornar à comunidade para ser utilizado como apoio pedagógico para a escola indígena, como material paradidático ao ensino da língua indígena.

Na próxima seção, apresentarei a temática de alguns textos da língua Parkatêjê.

### **Os textos orais Parkatêjê: temáticas culturais**

Como exemplo de um texto mítico tradicional do povo Parkatêjê, coletei e transcrevi o texto *Pyt me Kaxêr* ou O Sol e A Lua, que trata da criação dos primeiros índios, do acontecimento de alguns eventos no mundo e da transmissão cultural de determinados costumes dos parkatêjê.

Esse texto foi publicado em minha tese de doutoramento (FERREIRA, 2003), mas foi gravado novamente com o mesmo informante em 2008. Após a comparação das duas instâncias do texto percebe-se que não há grandes diferenças entre eles, uma vez que esses textos são conhecidos de “*cor* e salteado” pelos falantes da língua. O texto está organizado em cerca de oito episódios, cujos personagens principais

são o Sol e a Lua, companheiros de andanças na ocasião da criação do mundo. A ortografia utilizada é a de Araújo (1993).

O Sol ou *Pyt* é caracterizado como um sujeito comedido, cuidadoso e tranquilo, a Lua ou *Kaxêr*, por outro lado, é totalmente diferente dele. Os parkatêjê afirmam inclusive que “todas as coisas ruins foram criadas pela Lua”. Como exemplos de “coisas ruins” constam, para eles, o aborto, as formigas, as cobras etc. Não há nenhuma alusão de estarem o *Pyt* ou o *Kaxêr* vinculados a gênero masculino ou feminino naquela cultura.

Um primeiro episódio da narrativa relata a fuga da Lua para o outro lado do rio, o que não poderia ocorrer sem o auxílio providencial do Jacaré, a quem ela convence a atravessá-la. Medrosa, ela hesita em subir em suas costas, todavia forçada pela necessidade de atravessar o rio, ela vai montada em suas costas, e chega sã e salva à outra margem do rio. No trajeto, o Jacaré pergunta-lhe o que ela pensa sobre sua nuca – se é bonita ou feia. A Lua mente afirmando-lhe que é muito bonita. Chegando ao seu destino, sabendo agora da fragilidade do Jacaré em relação à sua própria nuca, ao invés de agradecimento, a Lua canta para o Jacaré fazendo pouco de sua nuca enrugada: *Miti i-torê / Miti i-torê / A-krãjapap atêti! / A-krãjapap atêti!* traduzido como “Jacaré me atravessou / Jacaré me atravessou / Tua nuca é áspera (ou enrugada ou espinhenta!)”

Observemos o trecho todo:

- (1) pêpia kitare mĩti katiti aiku wyr krãmõ  
 PD ASS jacaré grande PR Dir boiar  
 ‘Dizem que jacaré grande estava boiando (no rio)’
- (2) pêpia kaxêr kãm aiku hõpa  
 PD lua Loc PR Rel-recear  
 ‘Dizem que a Lua ficou receosa (dele)’
- (3) Kaxêr kãm: i-mã a-hêj nã i-krê  
 Lua LOC 1-Dat 2-mentir SS 1-comer  
 ‘A Lua disse: você me mente e me come!’
- (4) pêpia mĩti kãm amjjarên: ituware, wa ka a-krê inũare  
 PD jacaré LOC dizer sobrinho, eu Fut 2-comer NEG  
 i-kupa inũare. Wa ka kãm a-torê  
 1-temer NEG eu Fut LOC 2-atravesar

‘Dizem que o Jacaré disse: sobrinho, eu não vou te comer, não me tema. Eu vou te atravessar’.

- (5) kaxêr mã amjijarê  
lua Dat dizer  
‘a Lua hesitou’
- (6) pêpia kaxêr ita pia aiku apte mĩti ita kupa  
PD lua Dem Dub PR Frust jacaré Dem temer  
nã kãm amji kaka  
SS Loc REFL não.querer  
‘Dizem que a Lua estava com medo dele e não queria (aceitar)’
- (7) Krã! are aiku ma are i-mã hêj inũare  
certo Enf PR Exort Enf 1-Dat mentir Neg  
‘(A Lua disse) Tá certo. Vamos, (mas) não me engana’
- (8) ka ka hêj nã i-krê  
tu Fut mentir SS 1-comer  
‘tu vais enganar e me comer’
- (9) pia kaxêr ita apte mĩti ita kupa nã katut nã  
Dub lua Dem Frust jacaré Dem temer SS costas SS  
api  
subir  
‘Dizem que a Lua, mesmo com medo, subiu nas costas do Jacaré’
- (10) mĩti aiku amji mã kukia: ituware, jarê i-krãjapap  
jacaré PR Refl Dat perguntar: Voc dizer 1-nuca  
mpejti?  
ser.bonita  
‘o Jacaré perguntou (a ela): sobrinho, diga, a minha nuca é bonita?’
- (11) kaxêr aiku kãmhêj to mō: kēti, a-krãjapap mpejti!  
lua PR mentir CAUS vovô, 2-nuca ser.bonito  
‘A Lua mentiu para ele: Vovô, a tua nuca é muito bonita!’
- (12) pêpia kãmhêj to mō torê  
PD mentir CAUS atravessar  
‘Ela mentiu e o fez atravessá-la’.
- (13) apu kãm: mĩti i-torê i-torê a-krãjapap  
Cont LOC jacaré 1-atravesar 1-atravesar 2-nuca  
atêti atêti  
áspera áspera  
‘(Ela ficou cantando): “Jacaré me atravessou, me atravessou. A tua nuca é áspera, áspera”.’
- (14) pê nkryk nã  
PD estar.zangado  
Dizem que ele ficou zangado’.

A estrutura desse texto e discurso evidencia-se no contexto sócio-cultural face ao nexos língua-cultura-sociedade em que a Lua encarna o papel daquele que não respeita o outro, que não é grata pelo bem que lhe é feito. O narrador, por sua vez, ao contar trechos como esse, dramatiza sua voz, empregando os recursos necessários à compreensão daquele universo mágico em que o Sol interage com a Lua, e esta com o Jacaré e com outros seres.

Observa-se da perspectiva discursiva o uso de partículas evidenciais da fala reportada **pêpia**, aqui traduzida como “dizem que”. Com essa partícula indica-se o grau de comprometimento do falante com aquilo que ele diz e isso inclui o “ouvir dizer” ou discurso reportado e a inferência ou experiência sensorial, fatos observados na língua Parkatêjê. No caso da narrativa do *Pyt me Kaxêr*, o narrador apenas ouviu essa história de terceiros, daí que ele se descompromete acerca da verdade dos fatos que narra.

Algumas partes das narrativas são constituídas por diálogos entre o *Pyt* ‘Sol’ e o *Kaxêr* ‘Lua’, ou o *Kaxêr* ‘Lua’ e o *Míti* ‘Jacaré’, como é o caso do fragmento de texto apresentado anteriormente, observei que posposições como **kãm**, que em outros contextos marcam um locativo, nesse contexto dialógico indicam os turnos de cada personagem, como nas sentenças (2), (3), (4) e (13) em que o discurso direto prevalece. Essa estrutura narrativa apenas pode ser compreendida em sua totalidade no contexto de origem.

O texto é organizado com a marcação de um tempo passado remoto, o que é verificado a partir dos usos da partícula **aiku**, em combinação com a partícula discursiva relativa a esse passado **pêpia**.

Observa-se da perspectiva discursiva o uso da partícula evidencial da fala reportada **pêpia**, aqui traduzida como “dizem que”. Com essa partícula indica-se o grau de comprometimento do falante com aquilo que ele diz e isso inclui o “ouvir dizer” ou discurso reportado e a inferência ou experiência sensorial, fatos observados na língua Parkatêjê. No caso da narrativa do *Pyt me Kaxêr*, o narrador apenas ouviu essa história de terceiros, daí que, ao usar **pêpia**, ele se descompromete acerca da verdade dos fatos que narra.

Um outro trecho selecionado da narrativa do *Pyt me Kaxêr* trata de questões relacionadas à morte, funeral e das razões pelas quais morremos e não retornamos após a morte. Para ensinar como se deveria proceder na morte de um índio, é permitido que a Lua adoça e morra. O Sol cuida dela, arrumando-a para o ritual fúnebre: corta seus cabelos longos, arrumando sua franja, pinta seu rosto e seu corpo com urucum, coloca-a sentada, encostada em uma árvore e a deixa ali, sem enterrar. Ao cair do dia, lá pelo final do dia, após o cair do sol, a Lua retorna, viva, novinha em folha. Assim deveria ser feito com todos os índios para que a morte não se apossasse de seus corpos, eles não deveriam ser enterrados.

- (15) pêpia kaxêr mōn kato pê itakâm hà  
 PD lua ir sair PD hoje Rel-dor  
 ‘Dizem que a Lua chegou e adoeceu no mesmo dia’.
- (16) pêpia ty pêpia mama ty  
 PD morrer PD primeiro morrer  
 ‘Diz que ela morreu. Diz que ela morreu antes (que o Sol)’.
- (17) pyt mũ to mō apte anênã kãm to hihô<sup>3</sup> nã kukren<sup>4</sup>  
 Sol Dir C ir Frustr também Posp C cortar SS pintar  
 kupen mũ to mōn pàkràt nã kuxi  
 pegar Dir C ir tronco SS colocar  
 ‘Então o Sol foi cuidar dela, (arrumá-la para o ritual fúnebre), cortou seu cabelo, pintou-a com urucum, pegou-a e colocou-a (sentada, encostada) no tronco de uma árvore’.
- (18) pia ry ayakry pê ihô ntuwa  
 Dub já tarde Loc corte.de.cabelo novo  
 kaprik  
 estar.vermelho  
 ‘Quando já estava anoitecendo (de cinco para seis horas), dizem que ela chegou com o corte de cabelo novo, pintada de vermelho’.
- O Sol havia ensinado o procedimento para o ritual fúnebre à Lua e espera que ela faça-lhe o mesmo, conforme o que ela havia prometido. Então o Sol adoece e sabendo que morrerá, pede à Lua que ela faça exatamente o que ele fez para com ela.
- (19) pêpia aiku kãm: jê, wa are apu anênã  
 PD PR Posp Voc eu Enf Cont também  
 tyk nã ha

<sup>3</sup> *To hihô*: cortar o cabelo de um falecido para seu ritual fúnebre.

<sup>4</sup> *Kukren*: pintar o corpo do falecido com urucum para o ritual fúnebre.

morrer SS P  
 ita nêhi  
 Dem mesmo  
 ‘Dizem que (o Sol) disse (para ela): Jê, eu também estou morrendo e tu fazes o mesmo (que fiz contigo)’.

A Lua, como sempre, dá ao Sol a certeza de que agiria com ele da mesma forma que ele havia feito para consigo. Todavia, não podendo cumprir com sua promessa, ela faz o que lhe dá na cabeça, diferentemente daquilo que ele havia feito e, por conseguinte, daquilo que havia prometido a ele.

(20) pêpia hêt aiku kãm: jê, wa ka mũ ata  
 PD Evi PR Posp Voc eu Fut Dir Dem  
 nêhi  
 mesmo  
 ‘Diz que a Lua deu certeza para ele: Jê, eu vou fazer aquilo mesmo (que fizeste comigo)’

(21) pia aiku apu kãmâhêj  
 Dub PR Cont mentir  
 ‘Dizem que ela estava mentindo’

(22) pia pyt anênã ty  
 Dub sol também morrer  
 ‘Dizem que o Sol também morreu’

(23) pêpia hêt kaxêr apte anênã kãm to hihô nã  
 PD Evi lua Frustr também Posp C cortar SS  
 kukran mũ to mō pàkràt nã kuxi  
 pintar Dir C ir pau SS colocar  
 ‘Dizem que a Lua fez o mesmo com ele: cortou o cabelo dele, pintou-o de urucum e o colocou (sentado, encostado) no tronco de uma árvore’

(24) pê kãm kakrô pia hêt mama pia anenã  
 PD Posp Frustr Dub Evi primeiro Dub também  
 ‘Dizem que não adiantou ele (o Sol) explicar como era para ela fazer’

(25) ry ajakry pia aiku mō  
 já tarde Dub PR ir  
 ‘De tarde, ele chegou’

(26) nã pia kãm: jê a-te ita ajyr to are  
 SS Dub Posp Voc 2-Erg Dem assim C Enf

‘e disse para ela: Jê, obrigada. É isso mesmo’ *lit.* ‘e disse para ela: Jê, tu fizeste mesmo isso assim (para mim)’

- (27) nã ku ka to ka ha ke mē mpo nã  
 SS Du Fut fazer tu P IRR Pl Ind Int  
 torê  
 atravessar  
 ‘e assim nós (dois) vamos fazer. Mas eu ainda acho que tu vais fazer alguma coisa (ruim)’
- (28) aiku kãm anê kre kãm ixi inũare  
 PR Posp também buraco Loc 1-botarNEG  
 ‘(Ele disse para ela): não me enterra’ *lit.* ‘não me bota no buraco’
- (29) pia hêt kãm jê wa ka mũ nã to  
 Dub Evi Posp Voc eu Fut Dir Ass fazer  
 ‘Aí ela deu certeza: Jê, eu vou fazer assim mesmo’
- (30) mama aiku pyt kãm nã ku ka are ku  
 antes PR sol Posp SS Du Fut Enf Du nã  
 to  
 SS C  
 ‘O Sol falou primeiro: é assim que nós (dois) vamos fazer (assim que nós vamos continuar)’
- (31) kêrê mē mpa-kra tyn mē hapôj nã apy mã  
 Irr 1Pl Incl-filho morrer Pl nascer SS voltar Loc  
 ‘quando nossos filhos morrerem, eles vão nascer e voltar’

No trecho acima, o *Pyt* ‘Sol’ fala com autoridade sobre como deveria ser feito para que a natureza humana completasse seus ciclos de existência na terra: os seres humanos não deveriam ser enterrados. Se fossem postos na árvore, eles viveriam novamente e novamente. É interessante que esse trecho foi retirado do texto na forma como foi coletado. O sábio que fez a narrativa não chegou a enunciar o momento em que o *Kaxêr* ‘Lua’ enterra o *Pyt* ‘Sol’. Ele apresenta o discurso em que o Sol exorta a Lua a manter o costume para que os filhos deles não morram. E prossegue da sentença (32) abaixo:

- (32) pê... pê xy nã kaxêr ita kre kãm pyt ita  
 PD PD hes. SS lua Dem buraco Loc sol Dem  
 xi inũare  
 colocar Neg

‘Se a Lua não tivesse enterrado o Sol’

(33) pê ku piaxwan mẽ tyn mẽ pe  
 Dub Du Evi Pl morrer Pl acabar  
 ‘dizem que nós morreríamos, mas não para sempre’

(34) pê ku mũ mẽ ty nã mpa japôj nã  
 PD Du Dir Pl morrer SS IPIIncl nascer  
 ‘dizem que nós morreríamos e nasceríamos (novamente)’

O *Pyt* ‘Sol’ chorou muito, frustrado, porque a Lua não manteve sua palavra e o enterrou, condenando desse modo toda humanidade à morte. Esse acontecimento aborreceu tanto o Sol, que após isso, ele subiu para o céu e nunca mais falou com a Lua. Os dias e as noites resultam desse aborrecimento. O *Pyt* ‘Sol’ não faz a menor questão de encontrar com o *Kaxêr* ‘Lua’.

(35) pyt aiku apte mra  
 Sol PR Frust chorar  
 ‘Aí o Sol chorou muito’

(36) pia pyt ita ty  
 Dub sol Dem morrer  
 ‘Aí o Sol morreu’

## Conclusão

A coleta e a descrição de narrativas orais tradicionais de um povo de tradição oral requerem esforços a mais do pesquisador, uma vez que o trabalho de transcrição é exigente, demandando conhecimento cultural e linguístico para a compreensão dos conceitos ali apresentados. Um de meus objetivos com a realização da pesquisa sobre narrativas orais tradicionais do povo Parkatêjê é demonstrar o quão complexa e sofisticada é a arte verbal desses sábios que vivem e

estão fulcralmente atrelados a uma sociedade de tradição oral. Além disso, pretendo também contribuir para a documentação da riqueza linguística e cultural da comunidade Parkatêjê. Os aspectos descritos relacionados à cultura ou à organização textual podem auxiliar o trabalho de comparação de materiais de mesma natureza de outros povos indígenas brasileiros.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza. Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê. In: SEKI, Lucy (Org.). **Linguística indígena e educação na América Latina**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 265-272.

CHAFE, Wallace. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, Bruce; PELLEGRINI, Anthony D. (Orgs.). **Narrative thought and narrative language**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1990. p. 79-98.

FÁVERO, Leonor; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 1983.

FERREIRA, Marília. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos parkatêjê. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 21, n. 1, p.1-21. jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21n1/27198.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, [2003].

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 117-126, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/viewFile/32/31>. Acesso em: 12 fev. 2010.

LABOV, Willian; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). **Essays on the verbal and visual arts**. Washington: Washington University Press, 1967. p. 12-44.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. Macro-Jê. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.). **Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999. p. 164-206.

SHERZER, Joel; URBAN, Greg (Orgs.). **Native South American Discourse**. New York: Mouton de Gruyter, 1986.

---